

## O REENCARNACIONISMO E O SACRIFÍCIO DE CRISTO

Lemos em <http://www.cacp.org.br/espirtismo/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=1238&menu=5&submenu=1>, sob igual título, um artigo onde o senhor Eduardo Honorato pretende demonstrar que a morte de Jesus contraria o reencarnacionismo, associando essa morte ao sacrifício do cordeiro imolado dos judeus, através do qual eram perdoados os pecados cometidos no ano anterior. Esclarecemos que as partes por ele escritas estão entre bordas e foram transcritas mediante o recurso das teclas "Ctrl+c" e "Ctrl+v". Portanto, se erros houver, eles decorrem do próprio original.

O reencarnacionismo e o sacrifício de Cristo

Autor: Artigo enviado por email. Publicado em: Sábado, 03/11/2007

Sempre gosto de dialogar com pessoas de outros credos. Nem sempre as pessoas estão dispostas a entender ou admitir o óbvio, quando o óbvio contraria aquilo que está profundamente arraigado em suas mentes. Trata-se de um processo natural de rejeição, que faz parte do orgulho do homem.

Com relação a esse tópico temos a comentar que concordamos em gênero, número e grau quanto ao que o articulista diz: "Nem sempre as pessoas estão dispostas a entender ou admitir o óbvio, quando o óbvio contraria aquilo que está profundamente arraigado nas suas mentes".

Por que concordamos com esse ponto de vista? Simplesmente porque do judaísmo derivou o catolicismo e deste derivou o protestantismo. E o que foi que aconteceu com o catolicismo, para subsistir como religião autônoma? Desvinculou-se do judaísmo e manteve determinados dogmas, rituais e a literatura religiosa compatíveis com o pensamento dos hebreus; da mesma forma Lutero procedeu em relação ao catolicismo. Veja, senhor articulista, que o seu pensamento se encaixa perfeitamente no atual quadro religioso, em relação ao espiritismo, cuja doutrina contraria "aquilo que está profundamente arraigado em suas mentes" (das lideranças católicas e protestantes e seus respectivos sectários).

Assim, como o espiritismo é o mais novo seguimento cristão, ele sofre essa resistência, por se basear só nos ensinamentos de Jesus, o que nos leva, pelo menos no nosso caso, a nos denominarmos de *jesuísta*. Por que esse nome jesuísta? Porque, simplesmente, procuramos seguir os ensinamentos (doutrina) do próprio autor, de nome Jesus, e não aceitar uma ideia de terceiros, baseada no título (cristo) dado ao seu autor, que os "donos" da ideia tiveram a capacidade de modificar o seu significado de "ungido" para o de "vítima", como hoje acontece; aí, a exemplo de João, o batista, que passou a ser João Batista, deram-Lhe o sobrenome de cristo, com a conotação de vítima ou de cordeiro imolado, para justificar a morte Dele como um sacrifício para perdão dos pecados, a exemplo do cordeiro do judaísmo. Daí Ele ser chamado o "Cordeiro de Deus"; ou não é? Logo, se alguma resistência houver, esta será dos atuais seguimentos ditos cristãos, já que eles são mais antigos que o espiritismo, cujos fundamentos só vieram a lume em meados do Século XIX, mais precisamente a partir de 18 de abril de 1857, quando foi lançado *O Livro dos Espíritos*, na França.

Se o articulista tiver a mínima acuidade perceberá que Jesus lançou uma doutrina baseada em alguns fundamentos da religião onde Ele nasceu e foi criado (judaísmo), mas apresentando-a com base no "amarás a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo", deixando de lado o que dizia a Lei Judaica, naquilo que contrariasse esse princípio; ou seja, são as obras que valem. Entretanto, no decorrer do tempo, a esse princípio foram acrescentados outros paralelos, tais como, a trindade, a morte sacrificial de Jesus e outros mais; verificará, também, que o mesmo

aconteceu com Lutero, que discordou de certas inclusões ao catolicismo, como as indulgências, por exemplo, obrigando-o a desvincular-se do seguimento religioso de onde ele fora membro proeminente. O mesmo aconteceu com o espiritismo, em relação à doutrina dita cristã, cujos seguimentos mais antigos (catolicismo e protestantismo) também não aceitam as suas novas formas de enxergar a doutrina de Jesus, inclusive chamando-o de doutrina herética ou dos demônios. Tudo isso, no nosso entender, porque o óbvio (a reencarnação, e o fora da caridade não há salvação) “contraria aquilo que está profundamente arraigado nas suas mentes.”

É por isso que nos arriscamos a dizer, sem medo de nos tornarmos herege, que a morte de Jesus não pode ser considerada a causa determinante da sua identificação como sendo o Messias. A sua morte foi motivada, apenas, pela ciúmeira e intolerância das autoridades religiosas da época, face a proximidade destas com o poder político, o que implicou na Sua morte na cruz, que, na época, era a punição para aqueles que eram contrários ao poder, seja ele político, por subversão, seja religioso, por heresia. E o que aqui diz o articulista se aplica perfeitamente a Lutero, em relação à Doutrina Católica, pois, segundo aqueles que seguiram e seguem os pontos de vista de Lutero, este teve razão para proceder da maneira como fez. Ora, se Lutero teve a resistência daqueles que tinham o “óbvio arraigado em suas mentes”, obrigando-o a desvincular-se do catolicismo, podemos muito bem dizer que a atitude da Igreja Católica, e dos vários seguimentos protestantes dela derivados, em relação à doutrina espírita, corresponde à mesma atitude tomada pelos líderes religiosos do tempo de Jesus, com uma diferença: no tempo de Lutero este teve apoio de nobres alemães, que queriam deixar de mandar suas riquezas para Roma; e nos tempos atuais existe o princípio internacional que veda o preconceito religioso, coisa não muito aceita por determinados seguimentos religiosos, em face do “óbvio arraigado na mente” dos seus líderes. Não fosse esse princípio internacional essas religiões, onde fossem predominantes, adotariam, em relação aos espíritas, o mesmo procedimento praticado pelas autoridades religiosas do tempo de Jesus.

Minha intenção é demonstrar o evidente contraste que existe entre a doutrina da reencarnação e a obra de Jesus Cristo no calvário. Quando se propõe a debater a questão da reencarnação com alguns espíritas, que de certa forma, dão algum crédito à Bíblia, entra-se num campo bastante complicado. Primeiro porque normalmente os que advogam a causa da reencarnação já tiveram experiências com debatentes protestantes que não demonstram qualquer evidência do Fruto do Espírito (Veja Gálatas 5.22-23), e então qualquer evangélico que se proponha a ter um debate posteriormente é taxado de “crente fanático, seguidor do pastor”. E com relação aos espíritas, são tratados pelos crentes de “seguidores cegos do demônio”, o que conseqüentemente gera uma apatia entre aqueles que se propõem a dialogar.

É preciso que se elimine esse tipo de preconceito, principalmente quando o objetivo não é atacar a fé alheia, mas verificar se o argumento alheio oferece uma melhor opção para entendimento da revelação divina. Esse é o único objetivo (ao menos deveria ser) pelo qual se procura escrutinar as doutrinas e credos de outras pessoas.

O uso de versículos bíblicos para refutar tanto uma quanto outra posição, não terá validade alguma para qualquer uma das duas linhas interpretativas. Ambos se acusarão mutuamente de estar usando “textos fora de contexto”, e não chegará a lugar algum.

Quanto ao fato do “evidente contraste que existe entre a doutrina da reencarnação e a obra de Jesus Cristo no Calvário”, temos a esclarecer que também concordamos com o articulista, pois, realmente, esse contraste é evidente. Isso porque, para ele, baseado na atual doutrina do cristianismo, o efeito (morte de Jesus no Calvário) foi considerado como o motivo (causa) de ter sido Jesus considerado o Messias. Já para nós, espíritas, a causa (motivo) da vinda de Jesus foram os ensinamentos por Ele transmitidos, sob pena de considerarmos que esses ensinamentos não têm valor nenhum, pois, pela doutrina atual do cristianismo, Ele teria sido identificado como o Messias (enviado), simplesmente pela forma como

ocorreu sua morte, mesmo que não tivesse transmitido seus ensinamentos. Vejamos, por analogia, o caso de um professor, cuja finalidade é transmitir os seus ensinamentos aos alunos e que vai todos os dias à escola e não cumpre a sua missão de dar aulas. Nesse caso, podemos dizer que ele exerceu a sua função de ensinar, se não transmitiu qualquer ensinamento? Jamais!

Consequentemente, se considerarmos a morte de Jesus como a causa que O levou a ser considerado o Messias, será a mesma coisa que admitirmos que Sua morte foi o que determinou a Sua missão de profeta e não a transmissão dos Seus ensinamentos e a realização dos milagres por Ele praticados. Logo, priorizar a morte Dele na cruz, em detrimento dos seus ensinamentos, será a mesma coisa que dizer que é mais importante a presença do professor na sala de aula do que os ensinamentos por ele ministrados; concorda o leitor? Veja que desde algum tempo existem os cursos ministrados à distância, onde a presença do professor é dispensada. No entanto, não se aprende sem os ensinamentos recebidos; é o que acontece com todos nós. Veja o leitor que a cada momento estamos aprendendo com o estudo da Bíblia. E o professor onde está? Já morreu há 2000 anos, mas Seus ensinamentos permanecem. Logo, nossa salvação não está no simples fato de acreditarmos que a Sua morte foi para nos salvar, mas pelo cumprimento dos ensinamentos por Ele deixados, independentemente da forma como ocorreu a Sua morte.

E esse nosso entendimento está baseado no que está escrito em João 6:14-15: “À vista desse milagre de Jesus, aquela gente dizia: Este é verdadeiramente o profeta que há de vir ao mundo. 15. Jesus, percebendo que queriam arrebatá-lo e fazê-lo rei, tornou a retirar-se sozinho para o monte.” Assim, conforme esse trecho de João, a Bíblia deixa claro que a finalidade da vinda de um profeta, além de ser a de transmitir ensinamentos é, eventualmente, a de operar milagres. E Ele não iria fugir à regra; logo, não cabe essa de que Ele veio morrer para perdão dos pecados cometidos pela humanidade; muito menos que sua morte tenha sido para que os nossos pecados sejam perdoados, pois, se assim for considerada, ficará perfeitamente provada a reencarnação ou, pelo menos, a preexistência do espírito, sob pena desse perdão tornar-se ineficaz, já que, para os nossos pecados poderem ser perdoados, teríamos que tê-los praticado antes; e para tê-los praticado antes necessário se tornaria termos vivido antes; ou, o que será pior, esse perdão se transformará em uma imunidade, para não dizer impunidade, posto que, pecando ou não, já estamos perdoados.

Assim, só nos restará deduzir que a sua vinda foi para nos transmitir os seus ensinamentos, sendo a maneira como ocorreu a sua morte mais uma forma de identificação do messias, identicamente como o seu nascimento em Belém O identifica como o Messias, conforme as profecias a respeito da Sua vinda; e não para ser sacrificado como o cordeiro imolado dos judeus, como também acontecia nos rituais de sacrifícios realizados pelos pagãos.

|   |
|---|
| Vejo então que existe uma necessidade de encontrarmos um propósito em Cristo, o Filho de Deus enviado para cumprir com os desígnios divinos. Quero então falar da necessidade de Cristo ter sido morto e ter ressuscitado (não vou me ater a como os espíritas encaram a ressurreição). |
|---|

Veja o leitor que o próprio articulista diz que “existe uma necessidade de encontrarmos um propósito em Cristo”, citando como propósito da Sua vinda a morte Dele na cruz. Aqui o articulista demonstra a inversão da finalidade da vinda de Jesus, já que atribui à Sua morte importância maior do que à missão de trazer os Seus ensinamentos, o que nos leva a deduzir que a nossa salvação dependeria de termos o mesmo tipo de Sua morte, ao invés da prática dos seus ensinamentos, já que Ele diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.” (Jo 14, 6) Assim, *caminho* deveria ser entendido como sendo a forma de vida que Jesus teve aqui na Terra, inclusive o tipo de morte que Ele passou e não o que Ele ensinou ou exemplificou, contrariando o que está escrito nos versículos 10 e 11 do mesmo

capítulo 14: *“10 Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. 11 Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras”*. Assim, o verdadeiro sentido da sua vinda, de acordo com o que Ele diz, foi para nos trazer ensinamentos e não para morrer por nós, já que, se verdadeira essa doutrina da morte vicária, não deveríamos morrer, porque os nossos pecados já foram perdoados, pois a morte de Jesus ANIQUILOU o pecado, conforme afirma o próprio articulista, mais abaixo.

Por que dizemos assim? Simplesmente porque, como Ele ressuscitou, o mais importante fato desse episódio deixa de ser a sua morte, para ceder lugar à Sua ressuscitação; isso porque, embora sua morte tenha sido de uma forma brutal, ela sempre será um fato normal na vida de qualquer animal, inclusive o ser humano, mesmo tratando-se do ser mais evoluído que viveu na Terra; veja, senhor articulista, que os ressuscitados depois morreram, sem que suas mortes tenham constado da “palavra de Deus”; entretanto, as ressuscitações, por serem consideradas como fatos inusitados, dela constam como decorrentes de uma ação de milagre. Ora, como Ele ressuscitou e ainda transmitiu instruções aos seus discípulos, após a sua ressuscitação, é de se concluir que não foi a sua morte que justificou a sua vinda, mas, sim, os seus ensinamentos que a motivaram, já que, até após a sua morte, Ele os transmitiu aos seus discípulos. E mais: se Ele ressuscitou, não há que se falar “em morte”, e muito menos redentora, já que ele voltou a viver no mesmo corpo, tendo subido ao Céu em corpo e alma, conforme a descrição constante de todo o capítulo 24 de Lucas. Ora, se subiu ao céu, em corpo e alma, como se há de falar que Ele morreu? Há incongruência maior? Nesse caso, o máximo que se poderá dizer é que Ele sofreu e foi torturado; mas nunca que Ele morreu (mesmo que seu corpo, a exemplo do de Lázaro, tenha sido posto em um túmulo), pois Ele ressuscitou e biblicamente foi elevado ao céu em corpo e alma, repetimos; inclusive os defensores da sua ressuscitação e ascensão em corpo e alma alegam, em favor de seus argumentos, que até hoje não foi encontrado o corpo Dele. Além disso, não devemos nos esquecer que todos os outros ressuscitados morreram posteriormente; conseqüentemente, pela lógica, em relação a Jesus, de acordo com o texto bíblico, não podemos falar em morte no seu sentido físico e, muito menos, no seu sentido simbólico, já que Ele sempre pregou a vida eterna e seu corpo jamais foi encontrado.

HOMEM É HOMEM, DEUS É DEUS.

“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?” Rm 9.20

Não há como escapar da realidade bíblica que trata natureza pecaminosa e corrupta do homem. O pecado é como um câncer. Ele destrói a comunhão do homem e Deus e além de tudo é a condição pecaminosa do homem que impede que entendamos a Deus em plenitude. A verdade é que por mais que se chegue perto, a compreensão plena e absoluta só se dará no futuro, quando “veremos face a face”.

Entendendo que estamos nessa condição, devemos apenas então aguardar que Deus se revele, e acatar sua revelação conforme está sendo entregue. O que é revelação? Poderíamos buscar o sentido simples no dicionário:

revelação . [Do lat. tard. *revelatione*] S. f. 1. Ato ou efeito de revelar(-se). 2. Entre os cristãos, ação divina que comunica aos homens os desígnios de Deus e a verdade que estes envolvem, sobretudo através da palavra consignada nos livros sagrados. 3. A doutrina religiosa revelada, por oposição àquela a que se chega pela razão apenas. 4. Descoberta reveladora de um fato que produz sensação, ou de uma qualidade ou vocação numa pessoa. 5. O fato ou a pessoa assim descoberta. 6. Divulgação de coisa ignorada ou secreta: O Governo anuncia importantes revelações. 7. Fot. Processo que torna visível a imagem latente de uma emulsão fotográfica impressionada.

Em suma, Deus não se revela para que tenhamos que interpretar sua revelação, pois revelação indica ENTREGA da verdade, já esmiuçada, sem qualquer necessidade de se “interpretar” essa revelação.

Aqui, pedimos licença ao articulista para mostrar que o seu entendimento

sobre a revelação se perde pela base da sua argumentação ao afirmar:

“Em suma, Deus não se revela para que tenhamos que interpretar sua revelação, pois revelação indica ENTREGA da verdade, já esmiuçada, sem qualquer necessidade de se “interpretar” essa revelação.”

Em função disso, perguntamos: Então, por que o articulista emprega todo esse esforço para mostrar a sua forma de “interpretar”, visando combater a reencarnação? Inclusive alegando que, se esta existir, a morte de Jesus na cruz teria sido em vão, pois estaria sendo jogada por terra a Sua morte na cruz; certamente comparando-a ao sacrifício semelhante ao que os judeus faziam anualmente, quando imolavam um cordeiro, para perdão dos pecados cometidos no ano anterior. Entretanto, é bom que se frise, em parte nenhuma do Evangelho Jesus revela que a sua morte seria para nos salvar...

Veja o leitor que essa figura ritualista consta do catecismo da Igreja Católica, salvo engano, como fazendo parte do ofertório, como intróito à eucaristia; e essa analogia da morte ao sacrifício do cordeiro também foi adotada pelos seguimentos protestantes, em virtude da facilidade de ser jogada em outrem (principalmente se este já tiver morrido) a responsabilidade das coisas, boas ou más, que, individualmente, acontecem conosco; assim, entendemos, adotando-se a linguagem de hoje, foi realizada a maior jogada de Marketing do cristianismo nascente. Por que dizemos isso? Pelo simples fato de que a melhor forma de mostrar ao povo hebreu que essa nova doutrina era mais eficaz do que a desse povo, no meio do qual surgiu o que hoje se chama de cristianismo, era que ela também tinha seus rituais. E qual a melhor forma de demonstrar isso? Escolhendo o ritual que maior importância tivesse para esse povo: o sacrifício anual relativo ao perdão dos pecados, dando-lhe uma nova roupagem. Aí deve ter surgido um “iluminado” que deve ter sugerido que essa morte fosse considerada como um sacrifício a Deus, pelo fato de tratar-se da morte de um ser humano (o Messias) e ocorrida de uma forma brutal. Entretanto, para que essa morte não pudesse ser considerada uma “cópia” do ritual judaico, nem ser associada aos sacrifícios pagãos, esse “iluminado” deve ter dito: vamos criar o auto-oferecimento pelo sacrificado e associar esse sacrifício ao cordeiro imolado dos hebreus, dando-lhe uma importância maior, qual seja, a da remissão definitiva dos pecados, porque decorrente do sacrifício de um ser humano; e essa opção deu tão certo que, nos dias de hoje, alguns pregadores religiosos, como o articulista, estão dizendo que esse sacrifício também alcança os pecados por nós cometidos, embora em hebreus 9:15 esteja explícito que só foi para os cometidos durante o Velho Testamento; e não poderia ter sido de outra forma, pois não se pode perdoar para o futuro, porque deixa de ser perdão e passa a ser imunidade, coisa que nem Deus faria, pois isso demonstraria a perda do Seu senso de Justiça.

É portanto, essencial que tenhamos em mente essa realidade. Deus se revela para que o entendamos. Se pretendemos entendê-lo de acordo com sua revelação, é bom nos apegarmos tão somente aquilo que Ele revelou, sem querer compatibilizar essa revelação a nossos conceitos pré-determinados e pressupostos.

Vejo que nesse ponto, o reencarnacionismo já se constitui um erro. O comentário que é feito quando se expõe o conceito cristão de condenação para aqueles que não recebem voluntariamente o evangelho, bem como da salvação pela graça somente, entra diretamente em conflito com a “religião natural” do homem e com o egocentrismo humano. A resposta automática do espiritismo é “Deus é um Deus de amor, e não seria justo se fosse dessa maneira, sem nenhuma chance numa próxima vida”.

Isso é verdade! Eu também não acho nem um pouco justo. Acho que seria ótimo se pudéssemos ter novas oportunidades em outras vidas, e que tivéssemos uma evolução espiritual, onde nos tornaríamos pessoas melhores e que amássemos mais e mais cada vez nosso próximo. Isso explicaria com facilidade o motivo pelo qual alguns nascem em total pobreza debaixo de uma ponte e outros nascem com uma vida próspera e se tornam grandes homens e mulheres. É assim exatamente como eu penso que deveria ser. Está legal pra mim e aparentemente é um sistema perfeitamente justo.

Mas se novamente procurarmos a REVELAÇÃO da parte do próprio Deus, precisamos antes de mais nada, entender o que Deus pensa de nossa própria justiça. Se os advogados do reencarnacionismo, especificamente os espíritas, tem a bíblia como um livro sagrado, mesmo que contendo somente “parte” desta revelação, então ousa citar a bíblia como a fonte da revelação divina. O que é então nossa justiça? A bíblia diz:

“Mas todos nós somos como o imundo, E TODAS AS NOSSAS JUSTIÇAS, COMO TRAPO DA IMUNDÍCIA; e todos nós caímos como a folha, e as nossas culpas, como um vento, nos arrebatam.” Isaías 64.6

Se havia alguma pretensão em determinar o que seria, da parte de Deus, “justiça”, estaríamos em maus lençóis, já que Deus revelou aqui o que são as “nossas justiça”. A verdade patente revelada por Deus é que Seus caminhos são maiores e melhores que nossos caminhos, além de sua justiça ser PLENA. Nosso conceito de justiça é apenas relativo e normalmente vamos determinar o que é “justo”, baseados em nossa vivência e individualidade.

Então, aquele argumento de que “seria justo se fosse assim”, com relação à reencarnação, perde a validade. Devemos nos voltar para a revelação e verificar se aquilo que Deus nos disponibilizou coaduna com este ensinamento, para depois aceitá-lo como “verdade incontestável”.

Aqui, nesse ponto, o articulista dá uma do “faça o que mando, mas não faça o que faço”, quando diz: “Se pretendemos entendê-lo de acordo com sua revelação, é bom nos apegarmos tão somente aquilo que Ele revelou, sem querer compatibilizar essa revelação a nossos conceitos pré-determinados e pressupostos.” Veja o leitor que o articulista diz para “nos apegarmos tão somente àquilo que Ele revelou, sem querer compatibilizar essa revelação a nossos conceitos pré-determinados e pressupostos”; (grifamos) mas ele próprio parte do pressuposto e do conceito prévio de que não existe reencarnação, pois não mostra em qual texto bíblico ele se assenta para afirmar que a reencarnação não existe; apenas diz que ela não existe e pronto! E depois nos critica quando demonstramos por “a+b” que ela está, sim, no texto e contexto bíblicos. É só o leitor ver o que consta da passagem contida em Malaquias, 3,22-23 ou 4,4-5, conforme a versão: “Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a qual são os estatutos e juízos. Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR;” veja o leitor que a “palavra de Deus” menciona o nome do profeta (Elias), o que impede se pretenda alegar que foi prometido um profeta com a mesma missão ou o mesmo ministério de Elias; isso porque Elias é mencionado nominalmente como o profeta que será enviado antes de Jesus. Logo, como Deus diz que vai enviar Elias, não podemos entender de outra forma senão a de que será Elias o profeta enviado “antes que venha o dia grande e terrível Do SENHOR”, conforme Jesus afirma em Mateus 11,13-15: “13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça.” e que se confirma em 17,10-13 “10. Em seguida, os discípulos o interrogaram: Por que dizem os escribas que Elias deve voltar primeiro? 11. Jesus respondeu-lhes: Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas. 12. Mas eu vos digo que Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. 13. Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista.” Veja que os discípulos (pelo menos Pedro, Tiago e João) tinham conhecimento da reencarnação, como se vê da pergunta que eles fizeram a Jesus e do fato deles terem compreendido que Jesus lhes falava de João Batista. Ou ainda se vai negar?

Portanto não cabe o famoso chavão de que João veio com a função ou missão de Elias, como os antirreencarnacionistas alegam, porque, nesse caso, estar-se-á afirmando que Deus nos enganou, já que disse que mandaria o profeta Elias e nos teria mandado outro profeta, e que Jesus nos mentiu ao afirmar e confirmar que João é Elias quando, de acordo como o entendimento do articulista e dos antirreencarnacionistas em geral, não seria. Nesse caso, podemos dizer que Deus nos enganou e que Jesus nos mentiu? Claro que não! Então, só nos resta a conclusão de que João é Elias, ainda que se tente alegar que a Bíblia é inerrante. Em função disso,

perguntamos: Se a bíblia não erra, então Deus nos enganou e Jesus nos mentiu?! Deixamos a cargo do leitor dizer com quem está a razão.

Ainda com relação a esse tópico pedimos a atenção do leitor para o que o articulista diz no seu último parágrafo:

“Então, aquele argumento de que “seria justo se fosse assim”, com relação à reencarnação, perde a validade. Devemos nos voltar para a revelação e verificar se aquilo que Deus nos disponibilizou coaduna com este ensinamento, para depois aceitá-lo como “verdade incontestável””.

Veja que, conforme dissemos, relativamente ao que consta em Malaquias 3,22-23 (ou 4,4-5), em Mateus 11,13-15 e 17,10-13, sobre a vinda de Elias (João), “Deus nos disponibilizou”, com relação à reencarnação, o entendimento de que ela existe, conforme está descrito nessas passagens; é só ter ouvidos para ouvir; e acrescento: critério para discernir.

#### A NECESSIDADE DE UM SALVADOR

“Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.” Hb 10.1

Deus poderia usar a reencarnação como meio redentor para o homem?

Essa é uma pergunta que temos que deixar para Deus responder. Deus é absolutamente SANTO e seria pretensão de nossa parte pensar que poderíamos sugerir a Deus meios para lidar com o homem e seu pecado. Como a santidade de Deus foge de nossa compreensão, é natural que o efeito do pecado das criaturas de Deus também não nos seja compreensível, ou seja, quando pecamos só Deus sabe o que Ele sente. Então temos que a reação de Deus ao pecado se dá dentro da proporção que o próprio Deus determinar,

É bastante válido ressaltar que Deus não precisa de nenhum de nós para ser Deus. Deus é aquele que existe por si mesmo (êxodo 3.14), e é a própria sabedoria absoluta.

Aqui, o articulista, em favor do seu ponto de vista contra a reencarnação, comete um erro de lógica, pois ele atribui a Deus a resposta à indagação: “Deus poderia usar a reencarnação como meio redentor para o homem?”; entretanto, ele está esquecendo-se da situação contrária: Deus também não diz, através do seu profeta maior - Jesus, que a morte deste seria para perdão dos nossos pecados; essa hipótese de perdão é apenas dita em uma epístola de que não se sabe quem é o seu autor. Mesmo assim, é bom que se frise, nela está dito que a Sua morte foi para expiação dos pecados cometidos no decorrer do primeiro testamento; (Hb 9.15) ora, se foi para perdão dos pecados cometidos na vigência do primeiro testamento, como se pode pretender afirmar que a Sua morte foi para perdão dos pecados das gerações posteriores à Sua morte? Logo, para ser admitida a hipótese do perdão dos pecados das gerações posteriores, tem que ser aceita a reencarnação, já que, para essas gerações posteriores terem os seus pecados perdoados eles terão que ter sido cometidos anteriormente; para isso, teremos que ter vivido pelo menos uma vez durante a vigência do velho testamento, sendo a nossa vida atual a primeira após à do Velho Testamento. Caso contrário, fica provada a mentira dessa afirmação do articulista, pois não se pode perdoar para o futuro, sob pena de se ter que dizer que esse perdão seria uma imunidade, coisa que nem Deus faria, face ao seu senso de Justiça, conforme já dito linhas atrás.

Dentro dessa sabedoria absoluta de Deus, ao encontrar uma “solução provisória”(provisória porque como diz Hebreus 10.1 são “sombras”) para o pecado, Deus sentiu a necessidade de Expiação:

“Chamou o SENHOR a Moisés e, da tenda da congregação, lhe disse: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando algum de vós trouxer oferta ao SENHOR, trareis a vossa oferta de gado, de rebanho ou de gado miúdo.

Se a sua oferta for holocausto de gado, trará macho sem defeito; à porta da tenda da congregação o trará, para que o homem seja aceito perante o SENHOR.[b] E

porá a mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito a favor dele, para a sua expiação.”

Deus, dentro de sua soberania, não viu que a melhor maneira de se “evoluir” ou expiar o pecado seja através de uma sucessão de reencarnações. O alerta divino poderia ter indicado a Moisés que deveria este fazer apelos para que o povo de Israel tomasse cuidado com seu carma e que o povo atentasse para as boas obras para cobrir suas falhas. Mas Deus não agiu dessa forma. Deus viu que o pecado só levava a um fim: a morte.

Sobre esse tópico mostramos o que disse o articulista linhas atrás em relação à revelação: “Em suma, Deus não se revela para que tenhamos que interpretar sua revelação, pois revelação indica ENTREGA da verdade, já esmiuçada, sem qualquer necessidade de se “interpretar” essa revelação.” Já aqui, ele contraria sua própria afirmação, ao dizer que “Deus, dentro de sua soberania, não viu que a melhor maneira de se “evoluir” ou expiar o pecado seja através de uma sucessão de reencarnações.” Veja o leitor que ele, neste tópico, tem a “modéstia” de afirmar o que Deus viu e o que não viu, contrariando, repetimos, suas próprias palavras, sobre a revelação: “revelação indica ENTREGA da verdade, já esmiuçada, sem necessidade de se “interpretar” essa revelação”. Por isso, perguntamos: Se não há necessidade de se “interpretar” a revelação, por que, senhor articulista, essa interpretação de que Deus, dentro da sua soberania, viu ou não viu a respeito da sucessão de reencarnações? Coerência, pelo menos de vez em quando, é bom...

O salário do pecado é a morte (Rm 6.23), portanto quando o homem peca, ele tem que morrer. A expiação consistia numa “morte vicária”. O salário é a morte e sempre será. O custo de um pecado (seja ele “grande” ou “pequeno”), diante de um Deus absolutamente SANTO é impagável. O sangue inocente é aquele que expia o pecado, e não foi o homem quem decidiu isso, MAS O PRÓPRIO DEUS. O homem não tinha e não tem condição de determinar quais os meios ideais para que a transgressão seja apagada.

Veja, eu poderia me rebelar contra isso. Poderia dizer: “Senhor, porque ao invés da morte, o Senhor não me transforma num sapo?”, “Senhor, porque o Senhor não me deixa reencarnar como uma barata e correr o risco de ser pisado por alguém?”, “Senhor, porque não me dar uma nova oportunidade, fazendo-me reencarnar em um corpo deformado, sendo um dependente de outras pessoas? Ou até mesmo com síndrome de Down?”.

Repare, isso seria JUSTO! Mas essa ‘justiça’ é conforme EU vejo. Deus é Deus e eu sou homem, lembra-se? Lembre-se das palavras de Paulo em Romanos 9.20 “Quem és tu homem, para discutires com Deus?”. Deus me revelou o modo pelo qual meu pecado será expiado, e disse que é preciso derramamento de sangue. Esse princípio é corroborado e reenfocado dentro da nova aliança “E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.” Hb 9.22. [/b]

É claro que Deus tinha um projeto em mente quando deu sua revelação. A lei mosaica era uma “sombra” daquilo que havia de vir. Assim, o cordeiro imolado era a SOMBRA do “cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (segundo o próprio João Batista, a “reencarnação” de Elias).

Bem, temos uma ordem, uma “seqüência divina” para que a salvação seja executada. O homem peca e merece a morte. Deus dá uma chance ao homem, e demonstra ao homem o que deve ser feito para que o pecado seja apagado. A salvação portanto é executada por Deus e não pelo próprio homem. É ele quem salva e não o homem que se salva a si mesmo.

Jesus Cristo cumpriu PLENAMENTE o ritual necessário para a salvação. Sua obra foi completa e ANIQUILOU o pecado.

“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, NEM POR SANGUE DE BODES E BEZERROS, MAS POR SEU PRÓPRIO SANGUE, ENTROU UMA VEZ NO SANTUÁRIO, HAVENDO EFETUADO UMA ETERNA REDENÇÃO. Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” Hb 9. 11-14

“Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, UMA VEZ SE MANIFESTOU, PARA ANIQUILAR O PECADO PELO SACRIFÍCIO DE SI MESMO.” Hb 9. 26



Nesse tópic o articulista só cita trechos de epístolas, sem fazer referência a qualquer palavra de Jesus a respeito da Sua morte como forma de perdão dos pecados que cometemos, antes ou depois da sua morte. Logo, seguindo o entendimento do articulista de que revelação “indica ENTREGA da verdade, já esmiuçada, sem qualquer necessidade de se “interpretar” essa revelação”, só podemos concluir que a morte vicária foi uma dedução; melhor dizendo: uma invenção dos que acharam conveniente entender a revelação de forma diversa, visando justificar interpretá-la da maneira que melhor servisse às suas intenções de implantação dessa nova doutrina, na concepção do grande doutor da Lei, e recém convertido a ela, que hoje se chama de Cristianismo. E ninguém melhor para convencer os remanescentes de uma velha doutrina do que uma pessoa proeminente dela egressa, como Paulo, no caso, cujo nome anterior, como todos nós sabemos, era Saulo. E o maior argumento para demonstrar que essa nova doutrina é melhor do que a anterior é a mudança do nome do recém convertido para um da nova a que essa pessoa se converteu, como uma forma de demonstração de abandono das suas raízes religiosas, como aconteceu com Paulo, ao abandonar o Judaísmo.

Pelo sacrifício de si mesmo, ele ANIQUILOU o pecado. A salvação é obra do próprio Deus. Quando Deus apaga nossas transgressões, ele não se lembra mais de nossos pecados “Eu, eu mesmo, sou o que apaga as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados me não lembro. Is 43.25”

Eu não terei que pagar por meus erros numa próxima vida, por uma suposta “lei do carma”. O reconhecimento de que Cristo é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, e que ANIQUILOU o pecado pelo sacrifício de Si Mesmo me impede de crer nisso.

Aqui o articulista utiliza um texto de Isaías para tentar justificar o seu ponto de vista de não existência da reencarnação, sem atentar para o fato de que esse texto apenas diz: “Eu, eu mesmo, sou o que apaga as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados me não lembro”. Entretanto, está esquecendo-se de que em Mateus 16,27 está dito que o Filho do Homem recompensará cada um de acordo com suas obras. Ora, se cada um, de acordo com o próprio Jesus, será recompensado segundo as suas obras, como se poderá afirmar que a morte de Jesus foi para redimir nossos pecados? Ou o articulista está pensando que a morte de Jesus foi uma obra (má, diga-se de passagem) do ser humano como um todo? Entretanto, a morte de Jesus nada mais foi do que o resultado da concepção de um determinado grupo de pessoas interessadas na sua eliminação (os doutores da lei), por Ele representar um perigo ao domínio das lideranças religiosas da época. Se for considerada uma obra do ser humano como um todo, então nós deveremos ser objeto de julgamento pela obra má, e não de perdão, seguindo o princípio da recompensa segundo as suas obras. E mais: nesse caso deveremos santificar Herodes, Pilatos e aqueles que tramaram contra Jesus, porque, sem as atitudes por eles tomadas, não teria havido a morte de Jesus, na forma em que ela ocorreu, e não teríamos “recebido” a graça da salvação pela Sua “imolação”.

Quanto ao segundo parágrafo deste tópico, em relação ao “eu não terei que pagar por meus erros numa próxima vida, por suposta “lei do carma””, lembramos que Elias degolou os profetas de Baal no riacho de Quison (1Rs 18,40) e também que João (Mt 14,10 e Mc 6,27) foi degolado, confirmando a lei do carma ou lei de causa e efeito, isto é, matou degolando, morreu degolado. Ou não foi? Também não devemos nos esquecer o que é dito em Mateus 26,52: “Jesus, no entanto, lhe disse: *Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão.*” Será que aí não está a lei do carma, ou de causa e efeito?

Ainda em relação ao segundo parágrafo deste tópico, lembramos que as duas passagens que se relacionam ao Cordeiro de Deus estão em João 1,29 e 36, que dizem, respectivamente: “29. No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” e “36. E, avistando Jesus que ia passando, disse: Eis o Cordeiro de Deus.” Convém lembrar que nos versículos entre o

29 e o 36 nenhum deles menciona que a morte de Jesus seria para perdão dos nossos pecados e, muito menos, faz menção à morte de Jesus. Além disso, não devemos nos esquecer que o cordeiro, simbolicamente, representa a figura daquele que obedece e segue o seu pastor; e é nesse ponto que devemos entender a simbologia da expressão de João, o batista, ao se referir à vinda de Jesus, cujo objetivo foi o de nos transmitir os ensinamentos de Deus, em obediência aos desígnios Deste.

É aqui que está o contraste entre o que ensina o espiritismo e o que Deus ensina. Deus se revela dizendo que o homem merece a MORTE por seus pecados. Demonstra seu infinito amor, oferecendo GRATUITAMENTE expiação pelo pecado. O homem não quer o presente dado por Deus, ele quer PAGAR, expondo assim ao vitupério o cruz e a obra redentora.

Aqui o articulista, mais uma vez, entra em contradição, pois diz que “Deus se revela dizendo que o homem merece A MORTE por seus pecados” e, ao mesmo tempo, afirma que Deus “demonstra seu infinito amor, oferecendo GRATUITAMENTE expiação pelo pecado.”

Ora, se o homem merece a morte por seus pecados, então Jesus, por ter morrido, e de forma degradante, deve, de acordo com a hipótese apresentada pelo articulista, ter cometido um pecado enorme, apesar de ser o emissário de Deus e termos mandado perdoar setenta vezes sete aqueles que contra nós cometeram pecados. Logo, o articulista contradiz o seu próprio entendimento e, além disso, demonstra que Deus agiu na base do “faça o que mando, mas não faça o que faço”, já que Ele, através de Jesus, nos manda perdoar setenta vezes sete quem pecar contra nós, e castiga com a morte quem pecar.

Ignora a justiça divina e a REVELAÇÃO, usa sua própria justiça como prumo para estabelecer o que é “justo”, e anatematiza aquilo que contraria sua “religião natural”, seu ego. Deus dá a salvação, mas o homem não quer ganhar, ele se acha digno de conseguir, e deixa de reconhecer que “Não há um justo, nem um sequer.” Romanos 3.10. Deus é quem redime, mas o homem procura a auto-redenção, e coloca então sua justiça própria e AFRONTA a justiça de Deus. Portanto, a doutrina da reencarnação e lei do carma, anula por completo a obra redentora. A morte VICÁRIA foi completamente desnecessária. Além disso o alvo da salvação (o homem) passa a ser o salvador de si próprio, invertendo o papel de Cristo.

por Eduardo Honorato

Aqui o articulista demonstra uma total falta de lógica no seu raciocínio, pois parte de um princípio que ele próprio não deve aplicar em sua vida, já que, apostamos, não faz isso com aqueles que dele dependem, perdoando qualquer falta cometida, dando de graça qualquer benefício, sem que essa pessoa demonstre merecer, ou que, ainda, perdoe uma falta sem aplicar um castigo, mantendo essa pessoa em seu convívio, mesmo que a falta por ela cometida seja suprida por um terceiro. Assim, seguindo essa colocação do articulista, perguntamos: para que servem os demais livros da bíblia contendo os ensinamentos trazidos por Jesus, aos quais devemos obedecer para nos salvar, se, de acordo com o entendimento do articulista, baseado na epístola aos hebreus, já estamos salvos pela morte de Jesus?

Como o leitor poderá ver, não há razão para se acreditar na tal da morte vicária, sob pena de se admitir que os ensinamentos contidos na Bíblia não valem nada. Além disso, não devemos nos esquecer que mesmo no velho testamento, onde Deus exigia sacrifícios, Ele, através do seu anjo, impediu que Abraão sacrificasse seu filho; como Ele, então, iria sacrificar Seu próprio filho? Ao se aceitar tal atitude de Deus estaremos admitindo que Deus mudou as Suas atitudes em relação a filhos (para pior, diga-se de passagem), inclusive o Seu. É correta uma atitude dessas? E não nos venham com a desculpa de que Deus não tem satisfação a nos dar, ou que ele tudo pode, inclusive praticar

injustiça, hipótese em que ele perde a sua característica de perfeição.

Esses foram os nossos comentários.

Finalmente, esclarecemos que, se houve eventual rispidez em nossas palavras, a sua ocorrência se deveu ao texto do próprio articulista, motivo pelo qual pedimos a Deus que nos dê condições de discordarmos uns dos outros, sem qualquer ressentimento, já que, espiritualmente, somos filhos do mesmo Pai.

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA